



## A CONCEPÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS

Natana de Melo Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Considerando as observações e reflexões feitas durante a prática de estágio supervisionado da disciplina psicopedagogia clínica, busca-se neste artigo a reflexão e a compreensão da concepção da linguagem e suas dificuldades de aprendizagem, atreladas, sobretudo, com a importância do papel do psicopedagogo na busca de possibilidades de mudanças deste contexto. Apresenta-se inicialmente o processo de concepção e aquisição da linguagem em duas modalidades linguísticas: oral e escrita, características da sociedade em que estamos inseridos, assim como será discutido sobre a evolução psicogenética da apropriação do sistema de escrita pelas crianças. Acentua-se também a necessidade do diagnóstico precoce àquelas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem durante o processo de aquisição da linguagem, assim como o papel essencial do psicopedagogo na busca de autoestima, de autoconfiança e de valorização de suas potencialidades.

**Palavras-chave:** Linguagem. Dificuldade de Aprendizagem. Psicopedagogo.

### Introdução

O objetivo deste artigo será apresentar de forma breve uma revisão bibliográfica referente à concepção de linguagem, especialmente pelas crianças, em duas modalidades linguísticas: oral e escrita, assim como apresentar as dificuldades de aprendizagem que envolvem este processo de aquisição, vinculadas, sobretudo, ao papel do psicopedagogo dentro deste contexto e a importância do diagnóstico precoce de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem na linguagem.

A escolha do tema teve origem no decorrer do Estágio Clínico Supervisionado do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, em que a criança atendida

---

<sup>1</sup> Especialista em Psicopedagogia clínica - [nathymelo14@gmail.com](mailto:nathymelo14@gmail.com) - FACESPI/ICEP

apresentava dificuldade de aprendizagem na linguagem escrita especialmente no seu desenvolvimento escolar.

Primeiramente faremos uma discussão sobre a linguagem e a capacidade humana de construir sistemas simbólicos e a linguagem como atividade constitutiva da interação social, com base no autor João Wanderley Geraldi (2009).

O segundo momento apresentará a evolução psicogenética da apropriação do sistema de escrita pelas crianças, fundamentada nos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (2011), grandes estudiosas do campo da alfabetização. Posteriormente será falado, com base na autora e Psicopedagoga Bianca Acampora (2015), sobre algumas das dificuldades de aprendizagem de linguagem, e por fim discorreremos sobre a importância do trabalho do psicopedagogo neste contexto de dificuldade.

## **A linguagem como atividade constitutiva da interação social**

A concepção de linguagem pode ser instaurada como uma atividade constitutiva, em que seu principal objetivo é a interação social. Desse modo podemos caracterizar a concepção de linguagem como um processo de internalização, dando-se pela internalização da palavra alheia (a palavra do adulto, especialmente da mãe). É também a internalização de uma compreensão de mundo, segundo Bakhtin (1974).

As palavras do meio externo vão perdendo suas origens (ser do outro), e configurando-se como palavras próprias (internas) e assim ininterruptamente, definindo o processo de constituição da língua. A linguagem, assim sendo, é inacabada e está em constante modificação, resultado da comunicação e da interação social.

A oralidade é uma das características de nossa cultura, porém não podemos nos restringir apenas a esta modalidade linguística, além desta modalidade ressaltamos a escrita, vivemos em uma sociedade letrada em que a escrita é também um instrumento de comunicação e interação social. Para Geraldi (p. 66, 2009) aprender a ler e escrever é:

[...] ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente, e por isso interagimos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler. E escrever é ser capaz

# Revista GepeVida 2017

---

de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir.

O interesse das crianças para começar a escrever pode ser visto já nos primeiros anos de vida, já que estão inseridas em uma sociedade letrada. A criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certa palavra, estas representações iniciais são tituladas como garatujas, resultado de fazer "como se" soubesse escrever, de acordo com Ferreiro (2011). A escrita das crianças pode ser caracterizada a partir de uma evolução psicogenética, desde o aparecimento das garatujas até a compreensão exaustivamente do sistema de escrita.

Segundo Ferreiro (2011, p. 21) e os fundamentos construtivistas, a evolução dos traços da representação escrita da língua pelas crianças segue uma linha surpreendentemente regular, com base, sobretudo aos diversos meios culturais, situações educativas e diversas línguas.

Os três grandes períodos que fundamentam a evolução da escrita das crianças, nessa perspectiva, podem ser compreendidos com as seguintes diferenciações:

1. Distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico; 2. A construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativos e quantitativos; 3. A fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO, 2011, p.22)

O primeiro período comporta duas fases de diferenciação da criança, a diferença entre "desenhar" e "escrever". Quando a criança desenha, ela está representando a forma do objeto, ou seja, está no domínio icônico. Posteriormente, quando ela escreve, está fora do icônico e, desse modo, as formas do grafismo não estão mais reproduzindo a forma dos objetos, passam agora para a invenção, com base nas letras que a sociedade lhe oferece, segundo Ferreiro (2011, p.22) as características deste período podem ser vistas em crianças na fase da pré-escolaridade.

No segundo período, as crianças dedicam-se para a quantificação e qualificação dos traços de representação da escrita. Ferreiro (2011, p.23) argumenta que, a princípio, a diferença apresentada é conceituada por *intrafigurais*, ou seja, a criança irá realizar uma quantidade mínima de traços (geralmente três) para que a grafia possa ser

interpretada. Posteriormente a criança irá buscar diferenciações e qualificação (*interfiguras*) para estes traços, como maneira de “dizer coisas diferentes”.

As propriedades sonoras do significante é que marca o terceiro período da evolução da escrita da criança:

A criança começa por descobrir que as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escrita (suas sílabas). Sobre o eixo quantitativo, isto se exprime na descoberta de que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. Essas “partes” da palavra são inicialmente as suas sílabas. Inicia-se assim o período silábico [...] (FERREIRO, 2011, p.27)

Neste mesmo período, as letras começam a adquirir valores sonoros, ou seja, acontece a correspondência com o eixo qualitativo: “as partes sonoras semelhantes entre as palavras começam a se exprimir por letras semelhantes.” (FERREIRO, 2011, p.29). Após esta compreensão a criança passa para o período silábico-alfabético, em que descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade e sim em elementos menores. Ainda, assim, descobrirá valores quantitativos das sílabas e valores qualitativos que envolvem, portanto, a ortografia das palavras.

Ferreiro (2011, p.44) afirma que “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”. Assim sendo, a escrita cumpre o papel de diversas funções sociais e tem meios concretos de existência.

A escrita aparece nos variados contextos sociais e tem meios concretos de existência: rótulos, revistas, letreiros, folhetos, anotações, embalagens, tevê, jogos e etc. O interesse da criança em relação ao objeto da escrita é justificado, segundo Ferreiro (2011, p.44) por esta inserção “em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, em que a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais.”

## **Linguagem e as dificuldades de aprendizagem**

O processo de ensino aprendizagem é construído através das relações sociais e trocas de conhecimento entre os seres humanos e pelos meios onde vivem. Os fatores neurobiológicos, socioculturais e psicoemocionais refletem e influenciam diretamente

na produção e no desenvolvimento escolar dos sujeitos. Durante o processo de internalização e aquisição de conhecimento a criança pode apresentar algumas dificuldades, vinculadas sobretudo aos fatores citados acima.

De acordo com Moraes, 1998, a aquisição da leitura e escrita faz parte de um processo linguístico complexo e, portanto, a dificuldade não pode ser considerada de forma isolada, mas fazendo parte de uma dificuldade na estrutura e organização da linguagem em geral. Assim sendo, a investigação de uma criança que apresenta uma dificuldade de aprendizagem deve ser vista de modo global, abrangendo todos os aspectos que possam estar envolvidos.

As desordens de aprendizagem quanto a leitura e a escrita podem estar atrelada, desse modo, a inúmeros fatores que influenciam sua aprendizagem, dentre eles podemos ressaltar especialmente alguns transtornos. Segundo a autora Acampora, 2015:

[...] as desordens de aprendizagem são de natureza heterogênea e permanecem na vida adulta. Porém, com o diagnóstico e o tratamento corretos, muitos indivíduos conseguem avançar e evoluir em seu desenvolvimento, conseguindo chegar a concluir uma graduação ou pós-graduação, mesmo sendo portador de dislexia ou discalculia, por exemplo [...] (p. 38)

Podemos identificar três principais transtornos que afetam a aprendizagem da leitura e escrita: a dislexia, a disortografia e a disgrafia. A dislexia é caracterizada como uma disfunção neurológica, é uma condição hereditária com alterações genéticas neurológicas. De acordo com Acampora (2015, p. 41) “Dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da Linguagem: em Leitura, Soletração, Escrita, Em Linguagem expressiva ou Receptiva, em Razão e Cálculos Matemáticos, como na Linguagem Corporal e Social.”

Os principais sinais da dislexia são: dificuldade de escrever, inversão de letras, leitura lenta em que pronuncia uma sílaba por vez, troca de fonemas semelhantes (b/p), ou visualmente parecidos (q/p). A dislexia, ainda assim, pode ser classificada como: Dislexia por negligência, Dislexias centrais, Dislexia profunda, Dislexia fonológica, Dislexia asemântica e Dislexia de superfície.

Outro transtorno que pode intervir na aprendizagem da leitura e escrita é a Disortografia. A Disortografia caracteriza-se pela escrita incorreta, com erros e trocas de grafemas. Segundo Moraes (1998), há dificuldade em dividir a cadeia falada em seus

elos menores - os fonemas - e a capacidade para reconhecê-los, diferenciá-los e sequenciá-los na ordem em que se apresentam, se manifesta logo que se tenham adquirido os mecanismos da leitura e escrita.

Por fim, podemos destacar a Disgrafia, caracterizada pela dificuldade motora, letra ilegível (irregular), má organização da escrita na página, distorções na forma de letras ou letras com traçados irregulares. Moraes (1998), afirma que os fatores ligados ao desenvolvimento da criança incidem diretamente no grafismo, dentre eles: desenvolvimento de motricidade, desenvolvimento da linguagem e estruturação espaço-temporal e a influência e as exigências da situação e do meio.

De acordo com a autora Acampora (2015) as dificuldades de aprendizagem não estão necessariamente atreladas somente àquelas crianças portadores de síndromes ou transtornos, mas há outros fatores que podem influenciar no desenvolvimento social e escolar dos sujeitos:

É importante ressaltar que algumas crianças não são portadoras de nenhuma síndrome ou transtorno e, mesmo assim, apresentam desordens de aprendizagem. Nestes casos, o diagnóstico correto é fundamental, pois o sucesso das intervenções adequadas tem apresentado grandes possibilidades de mudança na vida destes alunos. (p.39)

## **O diagnóstico precoce e o acompanhamento com o Psicopedagogo**

A Psicopedagogia tem como objeto de estudo o sujeito, no seu processo de aprender. Deste modo, a Psicopedagogia busca compreender como o ser humano aprende nos diversos contextos e suas dificuldades, sobretudo, relacionada às práticas pedagógicas. Cabe ao psicopedagogo contribuir no processo de desenvolvimento das potencialidades humanas e suas dificuldades de aprendizagem, como também atuar na prevenção e no tratamento dos problemas de aprendizagem.

Ainda assim, podemos definir duas vertentes que a Psicopedagogia se instaura. A Psicopedagogia, desse modo, pode ser Institucional, que abrange o trabalho com o coletivo dentro de uma instituição, buscando melhorias no ambiente, no rendimento escolar e detectando possíveis perturbações no processo de aprendizagem, seu foco, portanto, é a prevenção. Já a Psicopedagogia Clínica tem como enfoque de trabalho o atendimento individual, preferencialmente em um ambiente preparado, na clínica, o objetivo será investigar e identificar as causas do problema de aprendizagem do sujeito.

# Revista GepeVida 2017

---

A Psicopedagogia, articulada em nível multidisciplinar, apresenta, portanto, como seu principal objeto de estudo o sujeito no seu processo de aprender, relacionado, sobretudo ao seu contexto sócio histórico, sociocultural e biológico. A partir disso, podemos realçar, por exemplo, a importância da atuação do psicopedagogo no atendimento da criança com dificuldade de aprendizagem na linguagem escrita, segundo as autoras Caridá e Mendes “a identificação precoce do distúrbio é muito importante, pois, caso não aconteça, poderá acarretar problemas no desenvolvimento linguístico, na escolarização e nas interações sociais.” (p.231, 2012).

O papel do psicopedagogo é especialmente contribuir no processo de desenvolvimento das possibilidades humanas, ou seja, no intuito de que todos podem aprender. Desse modo, o psicopedagogo irá atuar de forma investigativa e colaborativa no processo de aprendizagem da criança com dificuldade de aprendizagem, dando ênfase, sobretudo, às suas potencialidades e possibilidades de aprender.

Assim sendo, é de suma importância um profissional desta área estar envolvido no trabalho com o indivíduo que apresenta dificuldade de aprendizagem ou síndrome, já que irá fornecer subsídios necessários, se possível em conjunto de uma equipe multidisciplinar, para que ocorra uma efetiva aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para Caridá e Mendes:

Além dos fatores pedagógicos, que são diretamente beneficiados com a identificação precoce ou com a estimulação de crianças em risco para dislexia, os fatores psicológicos e socioafetivos também se beneficiam, uma vez que a identificação precoce do problema irá minimizar os sentimentos de fracasso e o desânimo das crianças que enfrentam dificuldades no processo de aprendizagem (p.231, 2012).

É necessário, dessa forma, que crianças com dificuldades de aprendizagem e com síndromes sejam diagnosticadas precocemente fazendo uma avaliação psicopedagógica que fundamentará e dará ferramentas para o entendimento da criança e dos pais acerca da sua dificuldade, além de orientar o processo educacional. Com base nas autoras Caridá e Mendes:

Lopes e Oliveira afirmam que as principais contribuições do psicopedagogo estão relacionadas à "*recuperação das habilidades cognitivas, emocionais, sociais*", tal profissional irá utilizar diferentes estratégias, porém sempre com o objetivo de desenvolver habilidades na criança com dislexia, elevando, conseqüentemente, sua autoestima e autoconfiança e valorizando suas

potencialidades. Freitas complementa que "*a intervenção psicopedagógica tem para o disléxico um caráter de urgência, na reintegração de seu mundo*". (p. 232, 2012).

Dessa maneira, as intervenções dos profissionais: psicopedagogos, professores, psicólogos entre outros, deverão acontecer mais cedo, contribuindo para a redução e minimização dos seus efeitos e conseqüentemente promovendo um melhor desenvolvimento da criança.

## **Considerações finais**

A partir dos conhecimentos instaurados no decorrer do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional foi possível melhor compreender a importância da atuação do psicopedagogo frente as dificuldades de aprendizagem das crianças e adultos.

Desse modo, através da experiência de Estágio Clínico foi possível obter conhecimentos práticos em relação ao trabalho do Psicopedagogo e as facetas que envolvem a atuação de campo deste profissional. Ainda assim, tivemos a oportunidade de compreender através desta breve pesquisa algumas considerações referente às práticas da concepção da linguagem e suas diferentes modalidades, assim como tomar conhecimento das dificuldades de aprendizagem existentes referente ao ensino e aprendizado da linguagem, e, por fim a influência do papel do psicopedagogo em relação a este contexto apresentado.

Nesse sentido podemos compreender a concepção da linguagem como algo contínuo e inacabado que envolve a interação social e a construção do sistema simbólico. Ainda assim, reconhecer a escrita das crianças com uma evolução psicogenética, desde o aparecimento das garatuhas até a compreensão exaustivamente do sistema de escrita. E Titular o psicopedagogo como peça fundamental para trabalhar com algumas destas dificuldades de aprendizagem que aparecem no decorrer da trajetória da concepção da linguagem escrita e oral, garantindo um futuro melhor não somente no que se refere às questões escolares, mas também no âmbito social.

## **Referências**

# Revista GepeVida 2017

---

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia Clínica: o Despertar das potencialidades**. 3 edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Observações sobre a Epistemologia das Ciências Humanas**, in *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

CARIDÁ, Déborah Alcântara Prósperi, MENDES, Mônica Hoehne. **A importância do estímulo precoce em casos de risco para dislexia: um enfoque psicopedagógico**. Revista Psicopedagogia, São Paulo, 29(89), 226-35, Julho, 2012.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. 102p. (Questões da nossa época; v.6)

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: Exercícios de Militância e Divulgação**. 2ª edição. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

MORAES, Z. Distúrbios de Aprendizagem. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em Fonoaudiologia: Linguagem**. São Paulo: Guanabara Koogan, 1998.